Título original:
Why Study the Media?
© Roger Silverstone 1999
Sage Publications Ltd
6 Bonhill Street – London EC2A 4PU
ISBN: 0-7619-6454-1

EDIÇÃO BRASILEIRA
Direção
Fidel García Rodríguez, SJ
Edição
Marcos Marcionilo
Preparação
Maurício B. Leal
Revisão
Rita de Cássia
Diagramação
Telma dos Santos Custódio

Edições Loyola
Rua 1822 nº 347 – Ipiranga
04216-000 São Paulo, SP
Caixa Postal 42.335 – 04218-970 – São Paulo, SP
: (0**11) 6914-1922
: (0**11) 6163-4275
Home page e vendas: www.loyola.com.br
Editorial: loyola@loyola.com.br
Vendas: vendas@loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 85-15-02464-0

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2002

Roger Silverstone

Por que estudar a mídia?

Tradução:
Milton Camargo Mota

Edições Loyola

sordem, dos outros. Aqui também nos confrontamos com uma estética e uma ética — uma política essencialmente — da vida cotidiana, para as quais a mídia nos fornece, em importante grau, tanto os instrumentos como os problemas: os conceitos, categorias e tecnologias para construir e defender distâncias; para construir e manter conexões. Esses instrumentos estão talvez em mais evidência e são portanto mais controversos quando uma nação está ou se sente em guerra. Mas não deixemos essa visibilidade momentânea nos ofuscar o trabalho diário em que nós, individual e coletivamente, e nossa mídia estamos constante e intensamente envolvidos, minuto a minuto, hora a hora.

Por conseguinte, na medida em que a mídia é, como argumentei, essencial a esse processo de fazer distinções e juízos; na medida em que ela, precisamente, medeia a dialética entre a classificação que forma a experiência e a experiência que dá colorido à classificação, precisamos investigar as conseqüências de tal mediação. *Temos de* estudar a mídia.

2

Mediação

Comecei a dizer que devemos pensar na mídia como um processo, um processo de mediação. Para tanto, é necessário perceber que a mídia se estende para além do ponto de contato entre os textos midiáticos e seus leitores ou espectadores. É necessário considerar que ela envolve os produtores e consumidores de mídia numa atividade mais ou menos contínua de engajamento e desengajamento com significados que têm sua fonte ou seu foco nos textos mediados, mas que dilatam a experiência e são avaliados à sua luz numa infinidade de maneiras.

A mediação implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para sua produção.

A circulação de significado, que é a mediação, é mais do que um fluxo em dois estágios — do programa transmitido via líderes de opinião para as pessoas na rua —,

como Katz e Lazarsfeld (1955) defenderam em seu estudo seminal, embora ela apresente estágios e realmente flua. Os significados mediados circulam em textos primários e secundários, através de intertextualidades infindáveis, na paródia e no pastiche, no constante *replay* e nos intermináveis discursos, na tela e fora dela, em que nós, como produtores e consumidores, agimos e interagimos, urgentemente procurando compreender o mundo, o mundo da mídia, o mundo mediado, o mundo da mediação. Mas também, e ao mesmo tempo, usamos os significados da mídia para evitar o mundo, para nos distanciar dele, dos desafios talvez impostos pela responsabilidade e pelo cuidado, para fugir do reconhecimento da diferença.

Essa inclusividade na mídia, nossa forçada participação com ela, é duplamente problemática. É difícil desvendar, encontrar uma origem, construir uma explicação do poder da mídia, por exemplo. É difícil, provavelmente impossível, para nós, analistas, sair da cultura da mídia, da cultura de nossa mídia. Com efeito, nossos próprios textos, como analistas, são parte do processo de mediação. Aqui, somos como lingüistas tentando analisar sua própria língua. De dentro, mas também de fora.

"Um lingüista não sai do tecido móvel da língua verdadeira — sua própria língua, as línguas que ele conhece — mais do que sai um homem do alcance de sua sombra" (Steiner, 1975, p. 111). A meu ver, isso também se aplica à mídia. Daí a dificuldade. É uma dificuldade epistemológica, relacionada às maneiras como alegamos nossas compreensões da mediação. E é ética, pois exige que elaboremos juízos sobre o exercício do poder no

processo de mediação. Estudar a mídia é um risco, em ambos os casos. Isso implica, inevitável e necessariamente, um processo de desfamiliarização. Questionar o dado-por-certo. Mergulhar abaixo da superfície do significado. Recusar o óbvio, o literal, o singular. Em nosso trabalho, muitas vezes e com razão, o simples se torna complexo, o óbvio opaco. Luzes brilhantes fazem desaparecer as sombras. Está tudo nos cantos.

A mediação é como a tradução segundo a visão de George Steiner. Nunca é completa, sempre transformativa, e nunca, talvez, inteiramente satisfatória. É sempre contestada. É um ato de amor. Steiner descreve a tradução em termos de movimento hermenêutico, um processo quádruplo de confiança, agressão, apropriação e restituição. *Confiança* porque, ao desencadear o processo de tradução, identificamos valor no texto de que estamos tratando, valor que queremos compreender, alegar e comunicar para os outros, para os nossos. Nesse ato inicial de confiança declaramos nossa crença de que há um significado a ser apreendido no texto que estamos abordando e de que esse significado sobreviverá a nossa tradução. Podemos, é claro, estar errados. *Agressão* porque todos os atos de compreensão são "inerentemente apropriadores e, portanto, violentos" (Steiner, 1975, p. 297). Na tradução, entramos num texto e alegamos ter a posse de seu significado (Steiner é incorrigivelmente sexista em suas metáforas), mas a *violência* que fazemos aos significados alheios, mesmo nas mais suaves tentativas de compreender, é bastante familiar: nossos próprios discursos são salpicados de alegações de que a representação da mídia é ten-

denciosa, ideológica e, amiúde, simplesmente falsa. *Apropriação* significa levar os significados para casa: a personificação, a consumação, a domesticação (esses termos são todos de Steiner) mais ou menos bem-sucedidas, mais ou menos completas do significado. Esse é um processo que, no entanto, permanece incompleto e insatisfatório sem o quarto e último movimento: a *restituição*. Restituição sinaliza uma reavaliação: a reciprocidade no âmbito da qual o tradutor devolve significado e, talvez, faça-lhe acréscimos neste processo. A glória primitiva do original pode ter desaparecido, mas o que vemos em seu lugar é algo novo, certamente; algo melhor, possivelmente; algo diferente, obviamente. Nenhuma tradução, como diz Jorge Luis Borges em *Pierre Menard*, pode ser perfeita, nem mesmo em sua perfeição. Nenhuma tradução. E nenhuma mediação.

Não obstante as suscetibilidades de Steiner e da tradução, ele se refere a ela como um processo diádico, um movimento de um texto para outro e, principalmente, um movimento através do tempo. Ele implica a transição entre textos passados e presentes. É um movimento que inclui tanto significado como valor. A tradução é uma atividade ao mesmo tempo estética e ética.

A mediação parece ser mais e menos do que a tradução, tal como analisada por Steiner. Mais porque a mediação rompe os limites do textual e oferece descrições da realidade, assim como da textualidade. É tanto vertical como horizontal, dependente dos constantes deslocamentos de significados através do espaço tridimensional e até mesmo quadridimensional. Os significados mediados movem-se entre textos certamente, e através do tempo. Mas também se movem através do espaço, e de espaços. Eles se movem do público para o privado, do institucional para o individual, do globalizador para o local e o pessoal, e vice-versa. Eles são fixos, por assim dizer, nos textos e fluidos nas conversas. São visíveis em quadros de aviso e *sites* da Internet e enterrados nas mentes e nas lembranças. Mas a mediação é menos que a tradução provavelmente porque às vezes não tem nada de amoroso. O mediador não está necessariamente ligado a seu texto, nem a seu objeto, por amor, embora possa estar em casos particulares. A fidelidade à imagem ou ao evento não é de modo algum tão forte quanto é, ou foi um dia, à palavra.

Uma tradução é reconhecida e respeitada como um trabalho de autoria. A mediação envolve o trabalho de instituições, grupos e tecnologias. Ela não começa nem termina com um texto singular. Suas pretensões de fechamento, o produto das ideologias e narrativas de notícias, por exemplo, são comprometidas, no ponto da transmissão, pela certeza de que a próxima comunicação, o próximo boletim, a próxima história, o comentário ou a interrogação por vir levarão as coisas e os significados adiante e para outro lugar. A visão que Steiner tem da tradução não ultrapassa o texto, a despeito do reconhecimento do próprio lugar dele, Steiner, na linguagem. Em contrapartida, a mediação é infinita, produto do desenredamento textual nas palavras, nos atos e nas experiências da vida cotidiana, tanto quanto pelas continuidades da mídia de massa e da mídia segmentada.

Desse modo, a mediação é menos do que a tradução precisamente na medida em que é o produto do trabalho institucional e técnico com palavras e imagens, e o produto também de um engajamento com os significados informes de eventos ou fantasias. Os significados que, de fato, surgem, ou que são alegados, tanto provisória como definitivamente (de ambos os modos, é claro, e de uma só vez, em quase todo ato de comunicação), surgem sem a intensidade da atenção específica e precisa à linguagem ou sem a necessidade de recriar, em algum grau, um texto original. Nesse sentido, a mediação é menos determinada, mais aberta, mais singular, mais compartilhada e mais vulnerável, talvez, a abusos.

No entanto, a discussão continua pertinente, sobretudo porque o que se tem aqui não é a distinção entre diferentes tipos de tradução: literalismo, paráfrase e livre imitação, que o próprio Steiner acha estéreis e arbitrárias. É pertinente porque temos aqui o reconhecimento de que a importância da tradução reside no *investimento*, tanto ético como estético, que se faz nela e nas *reivindicações* que são feitas para ela e por ela. A tradução é um processo em que os significados são produzidos, significados que cruzam fronteiras, tanto espaciais como temporais. Investigar esse processo é investigar as instabilidades e o fluxo de significados e suas transformações, mas também a política de sua fixação. Tal investigação fornece o modelo para algumas coisas que pretendo dizer agora sobre a mediação.

Consideremos o exemplo de um jovem pesquisador de televisão trabalhando num documentário sobre a vida

em instituições totais. Uma série que investigará as maneiras pelas quais tais instituições, nesse caso um mosteiro, socializam novos membros em um novo modo de vida, um novo regime, uma nova ordem. Uma idéia inicial e a bem-sucedida persuasão do produtor executivo de sua viabilidade resultaram num almoço com o abade num restaurante no Soho. Ele deixaria uma equipe de produção entrar no mosteiro para seguir um grupo de noviços em sua preparação para se integrar à nova comunidade? Concederia ao meio televisivo os direitos de representação? O abade consideraria isso. Um programa anterior em outra parte na rede tinha sido visto como um fracasso, mas esta era uma idéia interessante, e parecia haver entre os dois homens uma concordância suficiente para a sugestão de que o pesquisador visitasse o mosteiro para discuti-la mais.

Poucas semanas depois, o pesquisador está numa sala com toda a comunidade de monges. Ele apresenta sua idéia do programa e é interrogado. Talvez por inocência, mais provavelmente por orgulho profissional, ele delineia o que espera alcançar no programa, argumentando que será fiel ao modo de vida deles e tentará não ser deturpador nem sensacionalista. Ele viverá algum tempo na comunidade. O filme se baseará numa pesquisa meticulosa e rigorosa. As vozes dos próprios monges serão ouvidas. Podem confiar em que o pesquisador passará a verdade (sim, ele disse isso). Ele é convincente. Chega-se a um acordo. O pesquisador se une aos monges por duas semanas e segue sua rotina. Fala com eles, come com eles e freqüenta seus cultos. Passa a respeitá-los intensamente,

mas não compreende sua *fé*. Ele escolhe dois noviços e discute o que estará envolvido com eles. O plano é fazer o filme durante o período de um ano para monitorar o progresso do noviciado.

O pesquisador retorna a Londres e passa as informações para o diretor e o produtor. A filmagem começa e, no devido tempo, termina. Uma infinidade de imagens, palavras e sons para ser editadas num texto coerente. O pesquisador, apesar de ter feito grande parte das entrevistas filmadas, agora já não está muito envolvido no processo de produção e assiste de braços cruzados, enquanto o mundo que ele observou, o mundo que, embora imperfeita e incompletamente, passou a compreender é reconstruído quadro a quadro. Cada vez mais impotente, ele assiste à produção institucional do significado: a construção de uma narrativa; a criação de um texto que atende às expectativas do programa, um texto que se encaixa no horário reservado, que solicitará uma audiência e alegará um significado. Ele vê uma nova realidade surgindo sobre a antiga, reconhecível, justa, pelo menos para ele, mas cada vez mais distante do que, segundo acredita, os próprios monges conheceriam e compreenderiam.

Essa é uma tradução feita de boa-fé. Contudo, no momento em que os significados emergentes cruzam a soleira entre o mundo das vidas mediadas e o da mídia viva, no momento em que as agendas mudam e em que a televisão, neste caso, impõe suas próprias formas de trabalho, uma nova realidade, mediada, ergue-se do mar, rompendo a superfície de um conjunto de experiências e oferecendo, afirmando, outras.

O programa é transmitido e, de fato, reprisado. Algum tempo depois, o pesquisador se encontra socialmente com um membro da comunidade. O que ele achou, o que eles acharam? Timidamente, e um pouco dolorosamente, a resposta era bastante clara. Decepção. Pesar. Outro fracasso. Uma oportunidade perdida. Pode ter sido um documentário, que entretanto não documentou, não refletiu ou representou com precisão a vida ou a instituição deles. O pesquisador não ficou inteiramente surpreso, nem chocado. Mas o reconhecimento do fracasso o derrubou. A falha foi dele? Era inevitável? Seria possível outro resultado?

Nesse meio tempo, milhões de pessoas terão visto o programa; muitas terão gostado; e muitas terão incorporado algo de seu significado em suas próprias compreensões do mundo. A análise da tradução feita por Steiner não inclui o leitor ou a leitura. Minha análise da mediação deve incluí-los, pois sem privilegiá-los, a todos nós que nos engajamos contínua e infinitamente com os significados midiáticos, sem uma preocupação com a eficácia desse engajamento, corremos o risco de uma má interpretação. Todos participamos do processo de mediação. Ou não, conforme o caso.

Essa história do envolvimento de um documentário televisivo com um mundo privado é, talvez, bastante familiar e cada vez mais compreendida tanto pelas pessoas abordadas para participar como sujeitos na mediação como pelos espectadores e leitores que passaram a entender alguns dos limites nas alegações de autenticidade por parte da mídia. Mas em seu cerne, como Steiner reconhece, re-

side a questão da confiança. E confiança em diversos pontos do processo. Os sujeitos do filme devem confiar naqueles que se apresentam como mediadores. Os espectadores devem confiar nos mediadores profissionais. E os mediadores profissionais devem confiar em suas próprias habilidades e capacidades de fornecer um texto honesto.

Embora possamos ser perdoados por considerar semelhante confiança tão passível de traição, cinicamente ou não ela é uma precondição da mediação, uma precondição necessária em todos os esforços da mídia por representação, e especialmente por representação factual. Claro, esse tópico da confiança não molda todas as formas de mediação, embora também seja uma precondição, como afirmou Jürgen Habermas (1970), para qualquer comunicação eficaz. Uma questão que sempre reaparecerá neste livro é saber o que está ocorrendo com a confiança no cerne do processo da mediação e com a percepção de como é importante encontrar meios de preservá-la ou protegê-la.

Todos nós somos mediadores, e os significados que criamos são, eles próprios, nômades. Além de poderosos. Fronteiras são transpostas, e, tão logo programas são transmitidos, *web-sites* construídos ou *e-mails* enviados, elas continuarão a ser transpostas até que as palavras e imagens que foram geradas ou simuladas desapareçam da visão ou da memória. Toda transposição é também uma transformação. E toda transformação é, ela mesma, uma reivindicação de significado, de sua relevância e de seu valor.

Nossa preocupação com a mediação como um processo é, portanto, essencial à questão de saber por que

devemos estudar a mídia: a necessidade de focar no movimento dos significados através dos limiares da representação e da experiência. De estabelecer os lugares e fontes de distúrbio. De compreender a relação entre significados público e privado, entre textos e tecnologias. E de identificar os pontos de pressão. Além disso, devemos nos preocupar não apenas com a reportagem factual, com a mídia como fonte de informação. A mídia é entretenimento. E aqui, também, significados são produzidos e transformados: tentativas de ganhar a atenção, de cumprimento e frustração de desejos; prazeres oferecidos ou negados. Mas ela também oferece recursos para conversa, reconhecimento, identificação e incorporação, à medida que avaliamos, ou não avaliamos, nossas imagens e nossas vidas em comparação com aquelas que vemos na tela.

Precisamos compreender esse processo de mediação, compreender como surgem os significados, onde e com que conseqüências. Precisamos ser capazes de identificar os momentos em que o processo parece falhar, em que é distorcido pela tecnologia ou de propósito. Precisamos compreender sua política: sua vulnerabilidade ao exercício do poder; sua dependência do trabalho de instituições e de indivíduos; e seu próprio poder de persuadir e de reclamar atenção e resposta.